

## A reverberação da violência contra a mulher no *YouTube*: análise de vídeos sobre um caso de *feminicídio*<sup>1</sup>

Júlia HEIMERDINGER<sup>2</sup>

Eloisa KLEIN<sup>3</sup>

Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS

### Resumo:

Este artigo tem o objetivo de analisar como casos de violência contra a mulher são abordados pelo jornalismo e por canais que simulam o formato jornalístico no Brasil. Para isso, foram analisados vídeos de canais do *YouTube* que tratam do caso da jovem Isabela Miranda de Oliveira, estuprada pelo cunhado e assassinada pelo namorado. Nos vídeos examinados, foram encontrados enquadramentos dúbios; edição com prevaência da fonte policial; uso repetitivo de termos estereotipados sobre relacionamentos, que chegam a fazer com que a vítima seja tomada como culpada. Também observa-se que canais não jornalísticos adotam a linguagem do jornalismo e constroem narrativas baseadas no conteúdo de noticiários e sites.

**Palavras-chave:** *Feminicídio*; Cobertura jornalística; *YouTube*; Violência contra a mulher

### 1.Introdução

Historicamente, o desenvolvimento das tecnologias de comunicação permite que fatos que ocorrem em diferentes partes do mundo não demandem a presença física das pessoas para que se tornem de conhecimento público. Técnicas de apuração à distância também se tornam possíveis, como o uso de telefone, depois *e-mail* e atualmente até verificação de postagens formais de assessorias de imprensa ou das próprias fontes em mídias sociais. Um elemento distintivo relevante do contexto que vivemos é que, com o uso expressivo de tecnologia digital e mídias sociais, qualquer pessoa pode publicar sobre determinado acontecimento, mesmo que não tenha tido contato com as fontes, nem ao menos através da utilização das ferramentas de coleta de dados.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ01– Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Aluna de graduação 7º semestre na Universidade Federal do Pampa. [juliaheimerdinger@gmail.com](mailto:juliaheimerdinger@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa. [eloisajcklein@gmail.com](mailto:eloisajcklein@gmail.com)

---

Com isso, temos um cenário que mescla questões historicamente ligadas ao jornalismo (como a predominância de uma fonte sobre as outras na organização do texto jornalístico), com questões próprias dos usos sociais das tecnologias digitais e mídias sociais (como o retrabalho sobre arquivos jornalísticos para a criação de narrativas e comentários estruturados com base no formato de matéria jornalística, embora feita por pessoas comuns).

Os casos de violência contra as mulheres são constantemente noticiados nas grandes mídias e na mídia alternativa. A repercussão sobre a violência de gênero na mídia ajuda nos debates sobre o tema, com a finalidade de tornar público e buscar formas para resolver essa problemática. Por isso, é necessário analisar criticamente de que maneira as linguagens e os discursos utilizados na abordagem dos casos de violência são construídas pela mídia.

Neste texto, analisamos quatro vídeos do *YouTube*. Foram escolhidos dois canais de pessoas comuns (canal *Antenado News* e *Jornalista Fernando Martins*) e dois canais vinculados a programas jornalísticos das emissoras brasileiras *Record TV* e *Band*. Um dos canais de pessoas comuns é assinado por um autor que se declara jornalista. Ambos os canais comuns utilizam-se de fontes jornalísticas para reverberar acontecimentos.

A escolha dos canais aconteceu durante a seleção de materiais para a construção do Trabalho de Conclusão de Curso. Após tomarmos conhecimento sobre a abordagem de um telejornal a respeito da morte de uma jovem que havia sido estuprada e morta como se ela de alguma forma fosse culpada, decidimos que este tema merecia atenção uma pesquisa monográfica do curso de jornalismo.

Neste primeiro movimento em relação ao caso estudado, fazemos uma análise interpretativa dos canais selecionados, com base em outras pesquisas que abordam as coberturas jornalísticas acerca da violência contra a mulher. Para isso, usamos como categorias elementos como: existência de elementos de dramatização sobre a morte das mulheres; utilização de palavras que adjetivam a mulher assassinada; romantização da relação em que a mulher estava envolvida.

## **2. A cobertura da violência contra a mulher no jornalismo**

Apesar de atualmente haver maior divulgação, na mídia, de casos de violência contra mulher, ainda há problemas de abordagem, relacionados ao fato de que os meios de comunicação têm uma ligação com o poder estabelecido e com a moral da sociedade.

Desde a primeira metade do século XX, Walter Benjamin (1994) apontava que nos jornais há muito mais julgamento do que propriamente descrição da violência. Assim, muitas vezes invertendo os papéis, onde a vítima se torna a culpada do caso. Neste aspecto, a mídia (em particular o jornalismo) tem um papel fundamental, pois é capaz de denunciar, apontar soluções e, além disso, causar um debate a respeito da temática, como analisa Soares (2007).

O jornalismo tem o poder de escolha sobre o que se reconhece como crime, expandindo ou estreitando os limites investigativos que o definem. “Pode, em síntese, alterar as sensibilidades diante do crime e da violência” (ROLIM, 2006, p.198). No Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros – Fenaj a legislação prevê, que o jornalismo atue pela promoção dos direitos dos cidadãos, sobretudo idosos, crianças, mulheres e minorias. E que deve evitar abordagens mórbidas e sensacionalistas. Para Ramos e Paiva (2007, p.13), “formar uma imprensa capacitada a analisar o contexto da criminalidade e da segurança pública em toda a sua complexidade, livre de preconceitos e determinada a proteger os direitos humanos é estratégico para a evolução do Brasil no setor”.

Quando os direitos humanos não são respeitados, as mídias podem estabelecer uma cumplicidade com os agressores ou um modelo moral que torne justificável a violência à mulher, ignorando e até propagando elementos de violência simbólica. Bourdieu (1999) define a violência simbólica como uma relação velada de submissão, sendo por consenso ou por força, sem que os dominados identifiquem o lado abusivo do poder. Dessa maneira, a violência simbólica funcionaria como a naturalização/subjetivação das condições objetivas. Hanks (2008, p. 55), afirma que a violência simbólica é uma relação estrutural, não ligada diretamente aos atos violentos com intuito de gerá-los. A mulher então é classificada, avaliada, estereotipada ou descrita a partir das relações estabelecidas na relação dominado-dominante, assim tornando objeto da violência simbólica.

A violência de gênero perturba e destrói a vida de muitas mulheres, é um problema que provoca consequências no convívio social. A maneira que os meios de comunicação retratam essa violência pode alavancar essa violência de gênero, ou justificar os casos.

Souza de Jesus (2018) analisa que ocorre uma romantização da violência contra a mulher no portal de notícias G1. Em sua pesquisa, Souza de Jesus utiliza a análise de

conteúdo, tendo coletado 146 matérias sobre *feminicídios*. Dentre as matérias, 63 faziam uso de termos romantizadores e somente dez traziam o termo *feminicídio*, ainda sim ausente de qualquer problematização ou conscientização sobre o assunto.

Souza de Jesus escolheu o portal de notícias G1, que pertence ao Grupo Globo de Comunicação, que conforme uma pesquisa realizada pelo Digital News Report. O G1 (junto com UOL e O Globo) é um dos três portais de notícias mais acessados por brasileiros que consomem notícias pela internet, tendo cerca de 510,4 milhões de acessos por mês, o que comprova a influência do portal no cotidiano das pessoas. Com sua pesquisa, Souza de Jesus concluiu que o jornalismo possui o poder de renovar os valores atuais na sociedade.

De acordo com a pesquisa, o jornalismo não entende esses assassinatos como uma problemática social, contribuindo assim para a conservação de um sistema de dominação masculina em relação às mulheres. Ao produzir um texto que são usadas expressões associadas a percepção social do amor sendo a motivação para o assassinato, ao evidenciar informações a respeito da conduta social ou relações anteriores da vítima com o feminicida, o jornalismo acaba justificando a morte daquela mulher e muitas vezes até deposita nela a culpa pela sua morte.

Lima (2012) analisa que abordagens de casos de violência que façam abordagens sobre direitos humanos auxiliam na superação do problema. E as mídias têm seu papel primordial em relação à divulgação de acontecimentos, fatos, ideias, pensamentos, de observações do contexto social, que é reproduzido em tudo o que é veiculado pelos instrumentos de comunicação. Por conta deste alcance, a mídia pode contribuir para o desraizamento da violência doméstica contra mulheres no Brasil.

De acordo com uma pesquisa feita pelo Instituto Patrícia Galvão (BRASIL, 2011, p. 3-4) apresenta sobre o comportamento da mídia sobre o tema:

A principal característica da cobertura sobre violência contra as mulheres é a individualização do problema: 73,78% das notícias analisadas trazem esse enfoque. Ou seja, o noticiário se limita a abordagem de casos pessoais, em detrimento de uma perspectiva que contemple a dimensão pública da questão, exigindo respostas das diferentes instâncias do Estado e da própria sociedade. Ao abordar a violência contra a mulher sob uma perspectiva individualizada e policial, a maioria dos veículos tratou o problema de forma descontextualizada das esferas de governo e dos esforços empreendidos – ou não – para gerar soluções diante da questão. No conjunto das matérias analisadas, pouco mais de 13% do

---

enquadramento principal está relacionado ao Estado e suas ações para a prevenção e combate ao crime.

Ramos e Paiva (2007) refletem que a abordagem dada às coberturas policiais ainda são muito rasas, relatando apenas o fato em si, evitando um debate mais profundo sobre prevenção e consequências.

Predomina no dia a dia da cobertura um tratamento superficial, que revela um investimento ainda pequeno nas redações em retratar o setor com a importância que ele tem. Assim, vive-se uma contradição: enquanto a mídia denuncia a gravidade da crise da segurança pública no país, abdica do papel de tomar a dianteira no debate sobre o tema – o que poderia motivar ações do Estado mais eficazes e abrangentes. (RAMOS, PAIVA, 2007, p. 25)

O tratamento em relação a esta temática ainda é feito de forma escassa nos meios de comunicação. O que seria um auxílio essencialmente positivo para toda a sociedade, como o conhecimento sobre o assunto e do entendimento dos direitos garantidos às mulheres que se encontram em condição de violência e ainda sobre as penas destinadas aos agressores segundo a legislação brasileira, assim tornando-se muitas vezes, ofuscada pelo sensacionalismo nas publicações de notícias jornalísticas, prejudicando a abordagem do tema de forma consciente, assim ajudando na discussão de violência contra mulher, e tentar diminuir esses números.

Mota observa que o enquadramento dos casos como *feminicídio* também tem um papel no reconhecimento do problema social da violência contra a mulher. E a violência doméstica vai adquirindo cada vez mais uma dimensão pública. E também passa a fazer parte de conteúdos nas media. A mídia nacional tem veiculado casos de violência e de assassinatos de mulheres homens que chocam por sua brutalidade e pela comoção gerada.

Nem todos os crimes de assassinatos de mulheres são vinculados em notícias de jornais, como mostra Mota (2010) apurando que dos 541 dos crimes registrados no Instituto Médico Legal do Ceará entre 2002 e 2006, somente 259 foram noticiados nos jornais locais. Referente aos dados apurados nessas notícias é imprevisível, não há uma padronização. É possível encontrar notícias com todas as referências para averiguar o caráter do crime, dados pessoais da vítima e do criminoso, histórico do casal com antecessores, as circunstâncias e motivos do crime, qual o tipo de relacionamento entre vítima e abusador, ferimentos causados no corpo da mulher, e punições policiais em

andamento. Em algumas notícias a única informação dada é que um corpo de mulher foi encontrado em algum lugar e nada mais.

Somente uma porcentagem das notícias há informações que possibilitam uma investigação na questão de gênero. A imprensa jornalística deveria se preocupar em realizar uma cobertura desses crimes contra mulheres, e superar a ideia sensacionalista, assumindo o compromisso em realizar um jornalismo especializado e comprometido com a discussão da temática, adquirindo conhecimento crítico e de consciência social.

### **3. A repercussão de um *feminicídio* em canais do *YouTube***

Para a análise aqui proposta, foram analisados quatro vídeos disponíveis no *YouTube* onde retrataram sobre o caso da jovem Isabela Miranda de Oliveira de 19 anos que foi estuprada pelo cunhado, e depois foi agredida e morta pelo namorado que colocou fogo na vítima. Dois vídeos foram de canais que são usuários do *YouTube*, e outros dois são da grande mídia televisiva brasileira.

As mídias sociais são caracterizadas pela produção de conteúdos realizada de muitos para muitos, tendo como destaque a interação e a criação coletiva. Dessa maneira, os usuários alteram, comentam e compartilham informações. As tecnologias facilitam e barateiam a produção amadora, há uma espécie de trabalho conjunto, pois uma copia e reajusta usos e criações da outra (JENKINS, 2009). E por essas características foi escolhido o canal *YouTube* porque é uma plataforma de grande interação, e é a rede social de compartilhamento de vídeos mais popular na internet.

O *YouTube*, por se tratar de um serviço de vídeos divididos por canais, inevitavelmente existe a comparação com a televisão, mesmo tendo óbvias diferenças na produção e no consumo de informações.

O *Youtube*, mais ainda do que a televisão é um objeto de estudo particularmente instável, marcado por mudanças dinâmicas (tanto em termos de vídeos, como de organização), diversidade de conteúdos (que caminha em um ritmo diferente do televisivo, mas que, da mesma maneira, escoia por meio do serviço e, às vezes, desaparece de vista) e uma frequência cotidiana análoga, ou “mesmice”. (BURGESS; GREEN, 2009, p. 23-24)

A plataforma permite que qualquer pessoa crie uma conta, produza e vincule assuntos diversos, são conteúdos produzidos por pessoas que estão fora das grandes mídias, mas que utilizam de ideias que foram transmitidas na mídia. E assim direcionam suas próprias conclusões. Foi o caso dos vídeos analisados, que os dois canais de

amadores comentaram sobre o caso, conforme foi vinculado nas emissoras televisivas sobre o caso da jovem Isabela.

A presença de vídeos com repercussão de casos de violência é analisada por d'Andréa (2014). É necessário discutir a capacidade de impacto das imagens "amadoras" a fim de criar laços, provocar, estimular o debate, surpreender e até mesmo indignar seus espectadores. Conforme apresenta Alzamora (2011, p.96), estamos tratando de "imagens que testemunham, mais que reportam, imagens que exalam emoção, mais que informam, imagens que vinculam, mais que argumentam".

Ao questionar a linguagem telejornalística, Jost (2007) realiza uma importante diferenciação entre "imagens violentas" e "imagens da violência" que nos auxilia a compreender o potencial do engajamento das narrativas audiovisuais "amadoras". As "imagens amadoras" expõe Jost (2007, p.100), não comprometem o telespectador, pois ele as testemunha "de um ponto de vista desencarnado, quase divino". É necessário destacar que o significado de violência não está ligado necessariamente ao registro de crimes ou atos semelhantes, porém na capacidade de uma imagem provocar um "choque perceptivo" (JOST, 2007) ao apresentar a experiência de alguém por trás da câmera. As imagens da violência, ao contrário, destacam um choque emotivo que se preocupa mais em exibir e fazer saber do que em sentir.

#### **4. Dramatização da morte e enquadramentos romantizados do assassinato em vídeos do *YouTube***

O primeiro vídeo analisado foi do canal *Antenado News* que possui 204 mil inscritos, e se descreve como: "antenado news é um canal de notícias, aqui você fica atualizado e informado com as notícias do Brasil e do mundo todos os dias." Na legenda do vídeo há uma chamada sobre o caso, dizendo o seguinte : " Caso Isabela Miranda: Mulher é morta QUEIMADA após flagra na cama com cunhado no Carnaval 2019" Ao longo do vídeo é dito que Isabela tinha sido flagrada na cama com o cunhado tendo relações sexuais com ele, e seu namorado teria "perdido a cabeça"

Em determinado momento do vídeo é dito que o *feminicídio* e violência doméstica aumentou no Brasil, alertando "se você for vítima, denuncie, não fique calada" mas não foi dado nenhum número de contato, e nem a quem a mulher vítima de violência poderia procurar ajuda. E o caso de Isabela não foi considerado como estupro quando é dito que ela foi "flagrada na cama com o cunhado tendo relações sexuais",



---

Isabela estava alcoolizada, e desacordada na cama. Atualmente o vídeo analisado encontra-se indisponível no *YouTube*, pois foi removido pelo usuário.

O segundo vídeo analisado foi do canal “Jornalista Fernando Martins” que possui 46 mil inscritos e postou um vídeo sobre o caso de Isabela, ele começa o vídeo olhando fixamente para a câmera com um olhar de quem deseja seduzir alguém, sua voz também tem um tom de performance, como se estivesse narrando um fato fictício ou bizarro. Ele relata que Isabela foi estuprada pelo cunhado, e morta pelo namorado. Todo o tempo o olhar e a expressão facial é totalmente teatral.

Ao decorrer do vídeo é utilizado o presente, como se Isabela ainda estivesse viva, dizendo que “Isabela namora com William”, “os dois possuem uma vida normal, como qualquer casal de namorados”. O próprio jornalista faz uma simulação do caso, e narra a cena com voz e olhares totalmente sensacionalistas, transformando assim o *feminicídio* de Isabela numa atração para conseguir maior visibilidade e *likes*. No final do vídeo é dito que a polícia está tratando com a possibilidade de ato consensual entre Isabela e o cunhado, ele ainda acrescenta “o que não justifica a brutalidade com que Isabela foi morta”. Há comentários no vídeo parabenizando pela voz e pela produção realizada, tratando assim o vídeo como um produto jornalístico investigativo.

O terceiro vídeo analisado foi do programa Balanço Geral, que é exibido na Record TV, a manchete é a seguinte “Confusão em churrasco: jovem é morta por namorado após vê-la com cunhado” Na reportagem é dito que o namorado viu Isabela mantendo relações sexuais com o cunhado, não foi tratado como estupro, ainda consta no boletim de ocorrência que o namorado havia ficado furioso por ter flagrado a namorada com outro homem.

O caso não foi retratado como *feminicídio* pela empresa, e nenhum momento teve alguma informação sobre violência contra mulher, pelo contrário a partir da chamada e descrição do vídeo Isabela foi tratada como culpada, e não como a vítima da história, ao escreverem “jovem é morta por namorado após vê-la com cunhado” e “depois de ter sido flagrada tendo relações sexuais com o cunhado.”

O quarto e último vídeo analisado foi do Brasil Urgente que é um programa vinculado pela Band. A reportagem inteira consta de sensacionalismo sobre o caso de Isabela, a voz e a expressão corporal da repórter é totalmente ensaiada, a repórter é totalmente sensacionalista ao interagir com a câmera, usando do corpo, e da voz para



---

dar mais dramatização ao acontecimento. É gravado cenas no quarto da moça, mostrando objetos pessoais, contando detalhes do cotidiano da jovem.

É dito no vídeo que a moça foi vítima do cunhado e do namorado, em nenhum momento a reportagem traz números sobre violência contra mulher, ou de que maneira alguma vítima possa procurar ajuda. A reportagem é totalmente sensacionalista, e não contribui em nada na discussão de gênero.

## 5. Considerações finais

Referindo-se aos casos de violência à mulher nos quatro vídeos analisados foi evidente que a falta de informações que ajudariam para o conhecimento dos(as) leitores(as), resultou na redução a violência de gênero a apenas um mero caso policial, como outro qualquer. Os vídeos não trouxeram junto ao caso, dados sobre a Lei que ampara as mulheres em situação de violência, não mencionaram as políticas públicas que auxiliam no combate a essas violações e muito menos anunciaram os números que podem ser usados para denúncias. A linguagem utilizada foi meramente descritiva e sensacionalista, onde se apressou um agressor, a mulher violentada e uma ação hostil.

No caso investigado, a maneira como a mídia desenvolveu a narrativa é reveladora de estigmas sociais, muitas vezes não tratando o crime como *feminicídio*. Nos vídeos analisados, a vítima não é a prioridade da matéria, bem como não está clara uma abordagem didática, que vise conscientizar outras pessoas sobre a violência, ou formas de ajuda.

O corpo do repórter tem destaque, suas mãos, sua presença em cenário, sua entonação de voz, o que mostra um papel dramático sobre o fato. Ocorre ainda o uso de recursos de edição que ficcionalizam a narrativa, como encenação, efeitos de luz e cor, que tornam a notícia de um crime apenas uma história contada.

Desse modo, é possível concluir que o *feminicídio* não é tratado como crime nas reportagens, e que a vítima é retrata como a culpada da história, tornado a mídia um ambiente muito mais comercial do que informativo, fazendo uso de sensacionalismo em todos os vídeos analisados, não se importando em oferecer ajuda à outras mulheres, e sim apenas montar um espetáculo em cima do caso, e não tendo empatia pela família ou pela vítima, tratando apenas de cunho comercial, e não jornalístico.

---

## Referências bibliográficas

- ALZAMORA, Geane. Entre a TV e a internet: mediações sobrepostas em IReport for CNN. In: SOSTER, Demétrio; LIMA JR., Walter (Org.). *Jornalismo digital: audiovisual, convergência e colaboração*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2011. p.84-104
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade. In: *Magia e Técnica, arte e política - ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição*, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 6 ed. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BRASIL. Instituto Patrícia Galvão. *Violência Contra a Mulher: Estudo Revela Predominância de Viés Policial na Cobertura Noticiosa do Tema*. Brasília.
- BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. *YouTube e a revolução digital*. São Paulo: Aleph,
- D'ANDRÉA, Carlos Frederico de Brito, *Editando a violência: os vídeos “amadores” de quatro webTVs jornalísticas sobre as Jornadas de Junho*, Belo Horizonte/MG, 2014.
- DE LIMA, Ane Caroline Ferreira, *Violência doméstica contra a mulher: possibilidades de enfrentamento por meio da educação em direitos humanos*, Febf-uerj, Duque de Caxias, 2012.
- FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS – FENAJ. *Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros*. 2007.
- HANKS, William F. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. Tradução Anna Christina Bentes et al. São Paulo: Cortez, 2008.
- JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. Tradução de Susana Alexandria. 2. ed. ver. amp. São Paulo: Aleph, 2009.
- JOST, François. *Les images du 11 septembre sont-elles des images violentes?* In: DAYAN, Daniel (Org.). *La terreur spectacle: terrorisme et télévision*. Bruxelas: De Boeck, 2006
- MOTA, Maria Dolores de Brito, *Mulheres e Violências: Práticas discursivas e políticas públicas*, Fortaleza-Ceará, 2012
- RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. *Mídia e Violência: novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil*. Rio de Janeiro: Iuperj, 2007.
- ROLIM, Marcos. *A síndrome da Rainha Vermelha: policiamento e segurança pública no século XXI*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; Oxford, Inglaterra: University of Oxford, Centre for Brazilian Studies, 2006
- SOUZA DE JESUS, Helen Cristina “Quem ama não mata”: *A romantização do feminicídio no portal de notícias G1*, Salvador, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, 2018.